

PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES
DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
COMUNICAÇÃO EM SAÚDE PARA A
PREVENÇÃO DAS ARBOVIROSES
DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA:
DESAFIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Ana Valéria M. Mendonça
Maria Fátima de Sousa
Organizadoras



Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons sob a licença: Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados - CC BY-NC-ND, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2022

Universidade de Brasília – Editora ECoS

Faculdade de Ciências da Saúde

Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde – LabECoS

Campus Darcy Ribeiro, s/n - Gleba FS/FM - Sala CT 77/12, Asa Norte

Brasília/DF – Brasil CEP: 70.910-900

Telefone: +55 61 3107-1820 / E-mail: ecos@unb.br / www.ecos.unb.br

Brasil. Catalogação na fonte. Bibliotecária responsável: Mônica Regina Peres – CRB-1/1339

P912

Práticas Interdisciplinares de Informação, Educação e Comunicação em Saúde para a Prevenção das Arboviroses Dengue, Zika e Chikungunya: Desafios Teóricos e Metodológicos / Ana Valéria M. Mendonça e Maria Fátima de Sousa (orgs.). – Brasília : Editora ECoS, 2022.

PDF (202 p.) : il. Color.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-995178-1-5

Disponível em: <https://ecos.unb.br/wp-content/uploads/2022/03/piiecensaude.pdf>

1. Interdisciplinaridade. 2. Educação em Saúde. 3. Comunicação em Saúde. 4. Gestão da Informação. 5. Arboviroses I. Mendonça, Ana Valéria M. II. Sousa, Maria Fátima de. III. Título

CDU: 614.449

CDD: 614.571

Este livro é publicado pelo Projeto ArboControl - Arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo vetor: o mosquito *Aedes Aegypti* - moléculas do Brasil e do mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão da informação, educação e comunicação.

PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES
DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
COMUNICAÇÃO EM SAÚDE PARA A
PREVENÇÃO DAS ARBOVIROSES
DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA:
DESAFIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Ana Valéria M. Mendonça
Maria Fátima de Sousa
Organizadoras

Conselho Editorial

Ana Valéria Machado Mendonça
Presidente

Maria Fátima de Sousa
Vice-Presidente

Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Editora

Luana Dias da Costa
Secretária Editorial

Conselho Honorífico

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
Professor Emérito da Universidade de Brasília

Ena de Araújo Galvão
Academia de Letras de Brasília

Lise Renaud
Professora Emérita da Université du Québec à Montréal, Canadá

Conselho Editorial Consultivo (Nacional)

Aida Varela Varela (UFBA)
Ana Valéria M. Mendonça (UnB)
Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira (UnB)
Cristianne Maria Famer Rocha (UFRGS)
Elmira Luzia Melo Soares Simeão (UnB)
Fernando Passos Cupertino de Barros (UFG)
Maria da Glória Lima (UnB)
Maria Fátima de Sousa (UnB)
Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)
Rackynelly Alves Sarmento Soares (IFPB)
Regina Célia Belluzzo (UNESP)
Wania Ribeiro Fernandes (UFAM)

Conselho Editorial Consultivo (Internacional)

Aurora Cuevas Cerveró (Espanha)
Carlos Vassalo (Argentina)
Maria João Lopes Antunes (Portugal)
Patricia Hernández Salazar (México)
Paulo Ferrinho (Portugal)

Organização

Ana Valéria M. Mendonça
Maria Fátima de Sousa

Autores/as Convidados/as

Ádria Jane Albarado
Ana Valéria M. Mendonça
Andreia Maria Araújo Drummond
Aristeu de Oliveira Junior
César Roberto dos Santos Filho
Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira
Cristianne Famer Rocha
Denise Bacellar-Nunes
Elizabeth Alves de Jesus
Elmira L. Melo Soares Simeão
Fabiana Mascarenhas Sant'Ana
Flávio de Freitas Mattos
João Armando Alves
Katiuce Dias
Luana Dias da Costa
Lucas Felipe Carvalho Oliveira
Luciana Setubal Marques da Silva
Márcio de Oliveira
Maria Fátima de Sousa
Mariane Sanches Leonel
Mariella Silva de Oliveira-Costa
Muna Muhammad Odeh
Natália Fernandes de Andrade
Pedro Vinicius Falcão Paiva dos Santos
Priscila Torres de Brito
Roberto Carlos de Oliveira
Sílvia Ribeiro de Souza
Thiago Caldeira Diniz
Wania Ribeiro Fernandes
Yure Rodrigues Araújo Martins

Revisão e Formatação de Textos

Yuri de Lavor

Capa

Christiano Cardoso
Marcos Pereira

Design Gráfico

Feeling Propaganda

“A CULPA NÃO É SÓ DO PODER PÚBLICO, NÉ?”: DISCURSOS DE JORNALISTAS SOBRE ZIKA VÍRUS NO NORTE DO BRASIL

Mariane Sanches Leonel¹
Mariella Silva de Oliveira-Costa²

Resumo

Este texto se dedica às representações sociais de jornalistas que escrevem sobre saúde pública e arboviroses no estado do Tocantins, afetado pela epidemia de zika. Foram realizadas entrevistas com jornalistas e foi utilizada a abordagem qualitativa de tabulação de acordo com o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Foram identificados sete temas prioritários. Os resultados descrevem como a mídia regional produz notícias sobre uma epidemia e auxilia os tomadores de decisão a planejar sua comunicação em saúde em cenários de risco.

Palavras-chave: Representações Sociais; Saúde na Mídia; Zika Vírus.

Informações das pesquisadoras

1) MARIANE SANCHES LEONEL

Sanitarista e mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB)

Consultora Técnica do Ministério da Saúde na Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS)

e-mail: mariane.sousa@saude.gov.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6760-3100>

2) MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA-COSTA

Jornalista, professora e pesquisadora com doutorado e pós-doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB)

Servidora pública na Fiocruz Brasília

e-mail: Mariella.costa@fiocruz.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4853-3677>

1 Introdução

A saúde pública é um setor que impacta diretamente outros setores da sociedade, tornando-se um tema transversal de importância e interesse nacional e internacional principalmente em cenários epidêmicos. No Brasil, há um histórico de reforço da vigilância epidemiológica para o combate de doenças causadas por arboviroses, presentes em países tropicais. Atualmente, circulam no país quatro sorotipos de dengue, além de zika, chikungunya e febre amarela, doenças causadas pela picada do mosquito *Aedes aegypti* e que impactam a saúde pública. Há falhas na prevenção, além de vários aspectos que extrapolam o setor saúde e merecem destaque em cenários macroestruturais, socioeconômicos e ambientais (VALLE; AGUIAR; PIMENTA, 2015).

O zika vírus ganhou maior destaque a partir do ano de 2015, quando estourou um cenário epidêmico que relacionava o vírus com casos de microcefalia em crianças que nasceram de mães infectadas. Sua introdução e seus impactos no país são uma boa oportunidade para observar a relação entre a mídia e a saúde, pois entender como as informações sobre saúde pública chegam aos indivíduos e às comunidades, como circulam, como são interpretadas e apropriadas torna-se fundamental na construção de estratégias de prevenção e controle de doenças como a zika e as demais arboviroses (FERRAZ; GOMES, 2012; VILLELA; ALMEIDA, 2012).

A mídia é um meio importante de veiculação de informações em saúde, com destaque à mídia impressa, que é pioneira na difusão de informações em larga escala e, mesmo com o advento das redes sociais virtuais, continua a ocupar um lugar de relevância na comunicação. A mídia ocupa um lugar de privilégio no espaço público, configurando um locus de produção de sentidos relevante, pois é formadora de opinião pública. Conforme afirma Kucinski (2000, p. 182) sobre o papel do jornalista, “é como se tivesse um mandado da população para as funções de vigilância da cidadania e da justiça que o cidadão comum não consegue exercer mais diretamente”. Os jornalistas são vistos como fiscais da ordem pública, pois têm acesso a lugares, pessoas e informações com que dificilmente outros profissionais têm contato e ocupam um papel de prestação de serviços, na medida em que seus textos podem mobilizar as pessoas e as instituições para o bem comum. Sua inter-relação com a saúde permite o alcance, pela população, ao contexto interdisciplinar existente em um processo epidêmico, pois envolve diversas áreas do conhecimento e mobiliza todas as camadas sociais, a exemplo da zika (FERRAZ; GOMES, 2012; VILLELA; NATAL, 2009).

O papel predominante dos veículos de comunicação na área da saúde se revela justamente nas situações coletivas como as epidemias, quando a população se vê em ameaça instantânea; ou seja, a importância da imprensa enquanto canal de informação torna-se midiaticizada a depender do caráter mais ou menos coletivo do agravo em questão e da possibilidade de difusão social do problema (FERRAZ; GOMES, 2012). A imprensa faz circular e amplia o alcance de discursos que influenciam o dia a dia das pessoas, construindo versões sobre a saúde (OLIVEIRA-COSTA, 2016).

Grande parte das informações obtidas sobre arboviroses vem da divulgação dos meios de comunicação, que se pautam na fala de distintos atores relacionados ao assunto para a credibilidade da

notícia; dentre os mais expressivos, podem ser citados médicos, cientistas, gestores, cidadãos e usuários. Baseando-se nessas falas e na evolução das doenças, a imprensa cria o seu discurso e consolida o valor das arboviroses, construindo as representações sociais existentes nesse contexto (FERRAZ; GOMES, 2012).

Essas representações sociais resgatam o imaginário social de um grupo sobre um determinado tema, o que possibilita a identificação de conhecimentos construídos pelos sujeitos através de suas interações sociais (JODELET, 2001; LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

A finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar (MOSCOVICI, 2003), e os profissionais responsáveis pela disseminação das notícias relacionadas à saúde pública também constroem suas representações sociais a partir de suas vivências no jornalismo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). O presente estudo tem como objetivo identificar as representações sociais de jornalistas que escrevem sobre saúde pública e arboviroses em um estado brasileiro que foi afetado pela epidemia de zika, o Tocantins.

O meio de comunicação escolhido foi o *Jornal do Tocantins (JTO)*. Criado em 1979, ele é o jornal de maior tiragem e circulação no estado (em torno de sete milhões de exemplares) e conta com seis editorias: Política, Geral, Esporte, Economia, Estado e Arte & Vida, e quatro colunas: Tendências e Idéias, Antena Ligada, Crônicas & Causos e Bip; na seção Serviços, conta com Horóscopo, Lazer & Cia., Tempo, Televisão e Linha Direta e Classificados. Não há uma editoria específica de saúde no jornal, e a temática geralmente está localizada nas matérias das editorias Geral e Estado.

O jornalismo regional demanda informação de proximidade e se refere aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do locus territorial e com produção de conteúdo específico para aquela realidade, buscando atender à expectativa do leitor de ver temas próximos a ele e vinculados à identidade regional, que nem sempre terão eco nas mídias de abrangência nacional (PERUZZO, 2005). Foram identificados os discursos presentes nas falas dos jornalistas para se compreender como esses sujeitos da comunicação se apropriam das informações sobre arboviroses e produzem os sentidos em circulação pelo jornal (VILLELA; ALMEIDA, 2012, p. 48-59). Espera-se, desse modo, trazer novos subsídios sobre as relações entre saúde pública e imprensa, considerando-se que não foi encontrada pesquisa que trate do tema das arboviroses e traga a voz dos responsáveis pela difusão de informação em um jornal do Norte do Brasil.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa (MINAYO, 2012). A pesquisa visa a identificar as representações sociais presentes nos discursos de jornalistas sobre saúde pública e zika vírus no estado do Tocantins. Para isso, foram realizadas entrevistas utilizando-se como instrumento um roteiro de entrevista estruturada contendo dez perguntas sobre saúde pública, zika

vírus, comunicação, saúde e jornalismo.

As representações sociais são o conhecimento de um sentido comum, ou seja, estão presentes em uma opinião, um posicionamento, uma postura ou uma manifestação dos indivíduos em sua vida cotidiana, o que permite o reconhecimento e a reconstrução de sentidos de uma coletividade, quando as opiniões dos indivíduos se cruzam por estes partilharem, em algum aspecto da vida, as mesmas vivências. Dessa forma, as representações sociais podem ser entendidas metodologicamente como sínteses próximas da empiria, mas entendidas com facilidade pelo senso comum como “coisas suas”, do seu dia a dia familiar (MOSCOVICI, 2003). Por meio da análise das representações sociais, é possível compreender os motivos pelos quais as pessoas tomam determinadas decisões e o que as influencia no seu cotidiano, a partir do compartilhamento de sentidos que foram criados e são compartilhados por um determinado grupo social. As decisões tomadas pelas pessoas são baseadas nas representações sociais que foram construídas pelo senso comum, elaborando certos consensos sobre determinada realidade (JODELET, 2001).

Jodelet (2001) sugere que, para se compreenderem as condições de produção e circulação das representações sociais, seus processos e sua epistemologia, é preciso responder às perguntas: quem sabe, e a partir de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que sabe, e com que efeito? A autora também sugere levar em conta a cultura, a comunicação, a linguagem e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica dos indivíduos.

Portanto, como sujeitos de pesquisa, foram incluídos jornalistas que trabalhavam no *Jornal do Tocantins*, escrevem sobre o tema saúde ou escreveram no período entre 2015 e 2018 e aceitaram participar do estudo. Foram contatadas cinco jornalistas mulheres por telefone; uma delas não atendeu à solicitação de participação na pesquisa; logo, o estudo conta com as informações das outras quatro jornalistas que conheceram os objetivos da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente lido e assinado antes da entrevista.

A entrevista foi realizada por intermédio de uma rede social de comunicação, na qual as respostas eram gravadas pelas jornalistas por áudio e enviadas à pesquisadora. As respostas foram transcritas e analisadas dentro da metodologia do discurso do sujeito coletivo, criada por Lefèvre e Lefèvre. O método é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos. A análise do material verbal consiste em extrair as ideias centrais de cada depoimento, permitindo a identificação de aproximações das falas e criando um discurso único, capaz de traduzir o pensamento de uma coletividade sobre um dado tema, o que torna mais clara a representação social daquele grupo (GILBERTONI; FALCÃO, 2003; LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014).

A criação dos discursos se dá pela utilização de três figuras metodológicas, a saber: as Expressões-Chave (EC), criadas a partir da junção dos fragmentos das respostas dos entrevistados; a Ideia Central (IC), identificada a partir das EC, que trazem o essencial dentro de uma ideia central, em torno da qual, por sua vez, é criado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Dessa forma, a articulação de distintos conjuntos de expressões-chave relativos a uma determinada ideia central identifica diferen-

tes discursos, que, ao se tornarem uma fala coletiva, se transformam em “uma forma de a coletividade falar diretamente, onde o discurso de todos é o discurso de um” (GILBERTONI; FALCÃO, 2003; LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 502-507).

A partir disso, foi possível identificar as representações sociais existentes no contexto das jornalistas responsáveis pelos conteúdos de saúde no *Jornal do Tocantins*.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília sob o nº 3.171.817 e faz parte do Projeto “ArboControl: gestão da informação, educação e comunicação no controle das arboviroses dengue, zika e chikungunya”.

3 Resultados

Foram localizadas cinco jornalistas mulheres, todas com mais de um ano de experiência no *Jornal do Tocantins* e entre 20 e 35 anos de idade, e uma não aceitou participar da pesquisa. A coleta e a análise de dados, portanto, contou com a amostra de quatro participantes. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos e foram realizadas entre os meses de março e abril de 2019, por telefone. As respostas foram gravadas pelas jornalistas através de uma mídia social de bate-papo e enviadas para a pesquisadora principal, que fez a escuta e a transcrição de todo o material coletado. O DSC foi construído com base no discurso das quatro jornalistas, que relataram nunca terem feito qualquer capacitação específica sobre jornalismo em saúde. O Quadro 4 demonstra as ideias centrais e os respectivos discursos do sujeito coletivo construídos a partir das respostas das quatro jornalistas que aceitaram participar da pesquisa.

Foram identificados sete temas de maior relevância em seus depoimentos, nos quais foram baseadas as ideias centrais e, a partir das expressões-chave, foi desenvolvido o discurso do sujeito coletivo. Percebe-se que as ideias centrais giram em torno da importância do jornalismo para informar a população de maneira correta e rápida. Quando se trata de surtos epidêmicos como o de zika, é destacada a necessidade de alertar a população sobre prevenção e a diferença entre zika, dengue e chikungunya. Para garantir a veracidade da informação, as jornalistas acreditam que é necessário pautar-se em fontes oficiais, como o Ministério da Saúde, as secretarias de saúde e especialistas.

No DSC 1, o papel social do jornalista é colocado em evidência. As jornalistas relatam compromisso com a sociedade e que a elas foi delegado um poder de fiscalizar os acontecimentos (CRUZ, 2011). Isso se traduz na busca por informações oficiais e no engajamento em dar orientações sobre como proceder diante da situação de risco. Nesse sentido, ao dar destaque à comunicação em saúde como uma prestação de serviço à população, o discurso levanta a questão do papel do jornalista como formador de opinião e conscientização da população, visto que a responsabilidade social está justamente na missão do jornalista na busca pela veracidade dos fatos e pela transmissão das informações de maneira clara e objetiva (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

A responsabilidade social torna possível a construção de uma sociedade mais desenvolvida, que forme cidadãos que contribuam com o crescimento da comunidade. Essa ideia de responsabilidade social parte do princípio de que esta é plural, é feita para que todos participem, visto que busca abranger todas as pessoas inseridas numa comunidade (GILBERTONI; FALCÃO, 2003).

É possível relacionar a proximidade dos jornalistas para com os leitores do jornal e essa responsabilidade social no DSC 2. Essa proximidade pode se justificar pelo conteúdo do fato, pelas personagens que envolve e pela linguagem utilizada; ou seja, as jornalistas acreditam que a comunidade leitora se sente atendida e próxima delas, pois consegue se enxergar nas pautas sobre zika, já que os temas dizem respeito a algo presente em seu cotidiano e são trazidos em uma linguagem acessível. As pautas interessam aos leitores de todas as classes sociais, e o jornal alcança as pessoas que não têm acesso à Internet. Temas que digam respeito ao seu cotidiano, especialmente os temas relacionados ao atendimento à saúde e as matérias conhecidas de interesse humano, que contam os dramas cotidianos da população – como no caso da epidemia de zika, que trouxe o agravante da microcefalia para as famílias –, são de maior interesse da população (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Ao noticiarem essas pautas e abrirem espaço no jornal para a resposta da população, os jornalistas se aproximam da comunidade leitora, pois atendem aos temas vistos como relevantes pelas pessoas.

A aproximação dos jornalistas com os leitores é chamada de “jornalismo de proximidade”, no qual a imprensa regional se articula em torno de conceitos como território, comunicação e comunidade. Dessa forma, desenvolve-se uma comunicação mais próxima, intimista, que fala diretamente com as pessoas e está ligada à ideia de cidadania e democracia (CAMPONEZ, 2012). Na medida em que as pessoas se relacionam em termos discursivos, sob a ótica de uma discussão pública orientada para o bem comum, ganha evidência a sua ligação à ideia de jornalismo público. O DSC 2 traz elementos do jornalismo de proximidade, pois apresenta a relação dos jornalistas com o público, de forma colaborativa ou participativa. Demonstra-se que, de alguma forma, o jornal está aberto à participação dos usuários (PEREIRA, 2004), quando é dito que há uma relação de proximidade com os leitores e que estes cobram a pauta específica das arboviroses. É esperado que o jornalismo regional traga o retrato daquela localidade e apresente diferentes pontos de vista locais, em especial os dos cidadãos e os das organizações locais (PERUZZO, 2005).

Este é um desafio contemporâneo do jornalismo, considerando-se que, com a Internet, os leitores são também produtores de notícias e cada vez mais podem pautar os jornalistas e cobrá-los para que os jornais regionais não sejam apenas uma reprodução do jornalismo nacional, mas tragam as singularidades daquela região. Ancorado na pauta nacional da epidemia de zika, o jornal aqui analisado apresentou o tema de maneira a explorar as nuances regionais e vinculadas à identidade dos leitores e àquilo que esses leitores solicitavam. O desafio está em fazer isso sem se limitar apenas aos números da epidemia no estado, mas trazendo histórias de vida e os determinantes sociais da saúde daquela região específica, o que se observou na amostra, a exemplo da fala: “*Principalmente para simplificar para a população que não tem tanto conhecimento sobre o que elas devem fazer em caso de doença, como se prevenir. Às vezes tem gente que não tem acesso à Internet, não vê o que tem sido*

falado, então é bom a gente informar sobre isso”.

Os temas vistos como pautas mais importantes e levadas à população pelas jornalistas estão nos DSC 3 e 4, e são: a prevenção, a diferença entre as doenças causadas pelo *Aedes aegypti* e o número de casos das doenças. Este artigo faz parte da dissertação de mestrado da pesquisadora principal, que desenvolveu anteriormente uma análise das reportagens do *Jornal do Tocantins* entre 2015 e 2018, comprovando que os temas mais abordados foram a prevenção, as características das doenças e o número de casos, quando o assunto era zika vírus. O artigo em questão foi submetido a revista científica e está em fase de análise, porém é possível afirmar que os temas importantes na concepção dos jornalistas nos DSC 3 e 4 são os que mais aparecem nas matérias do jornal.

Assim, é importante refletir sobre o papel do jornalista para a formação da opinião pública e considerar que há um sujeito pessoal ou coletivo que quer se comunicar e disseminar aquilo que ele deseja que seja socialmente conhecido e compreendido pelo público, apropriado por um segmento específico da sociedade, neste caso as ações de prevenção e o conhecimento das arboviroses. Há uma preocupação em garantir meios pelos quais essa comunicação se estenda o mais rápido possível e com a maior abrangência possível a um grupo de pessoas que, juntas, formam o público-alvo dessa comunicação (JODELET, 2001). É o que fica claro no DSC 3, quando se diz que a informação deve chegar com facilidade e rapidez ao leitor.

O que o jornalista considera importante publicar é chamado de “valor-notícia”; logo, entende-se que falar do aumento do número de casos de doenças causadas por arboviroses, das diferenças entre sintomas e das formas de prevenção gera um valor-notícia, pois, ao serem publicados, os temas entram na agenda do público como prioridade e geram audiência (JODELET, 2001, p. 420; ASSIS, 2014).

A agenda pública na comunicação é chamada de “agenda-setting”. Através dos fatos que se tornam notícia, a mídia define os temas, a abordagem e o enquadramento dos assuntos que serão ou não discutidos pela opinião pública, modificando, de certa maneira, a realidade social (BARROS, 2001). O aumento do número de casos de zika no estado é uma preocupação das jornalistas, como demonstra o DSC 4. Logo, acredita-se que em sua prática cotidiana haja um apelo jornalístico forte sobre o tema, com cobertura permanente devido à ameaça provocada pela doença, e fazendo parte da agenda-setting do jornal, pois a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento tem um impacto que gera noticiabilidade (AMARAL, 2012).

Estudos que analisam a cobertura jornalística sobre os temas de interesse da saúde coletiva (LANGBECKER et al., 2019) ou propõem “valores-saúde” na comunicação (CAVACA, 2018) já comprovaram que, em se tratando de doenças, os meios de comunicação costumam dar um maior espaço para notícias sobre prevenção, que assim como o número de casos é um tema de relevância, de acordo com os discursos das jornalistas. A prevenção, que é vista como importante ferramenta de enfrentamento das doenças, e as medidas que evitam a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, tais como não deixar água parada e limpar pneus, caixas d’água e vasos de plantas, são divulgadas pelo

jornal na tentativa de incentivar a população a fazer sua parte, tendo em vista a relevância e o significado do acontecimento e sua potencial evolução e consequência, que são um parâmetro para a criação de um valor-notícia (FERREIRA, 2012).

As diferenças entre os sintomas de dengue, zika e chikungunya também entram na agenda midiática, pois há um impacto sobre a nação e um interesse nacional que atinge o imaginário da população (AMARAL, 2012). Informar sobre as características de cada doença causada por arbovírus, para as jornalistas, é uma maneira de a população saber como proceder em cada caso, como demonstra o DSC 3.

Ao mesmo tempo que os DSC 2 e 3 demonstram uma preocupação das jornalistas em informar a população de maneira rápida, segura e próxima, destacando os temas de maior relevância para um empoderamento da sociedade no enfrentamento a epidemias, há na fala das jornalistas uma culpabilização das pessoas pelas arboviroses, que pode ser observada no DSC 5. Tal postura confirma o que tem sido visto na agenda midiática dos últimos anos: uma culpabilização da sociedade, como se ela fosse a única responsável pelo cenário epidêmico (FERRAZ, 2012; LANGBECKER et al., 2019). Essa culpabilização leva a saúde a ser encarada apenas como dependente do indivíduo e da segurança individual e, assim, a exageros e ansiedade a partir de uma hiperprevenção (CASTIEL, 201).

É possível perceber uma contradição no discurso das jornalistas, que, ao mesmo tempo que se colocam próximas da comunidade por meio das informações prestadas, responsabilizam essa mesma comunidade pela situação de saúde relacionada à zika. Dessa forma, é reforçado um esvaziamento do papel do poder público frente à função da população contra o vetor *Aedes aegypti* (FREITAS, 2020, p. 144), uma vez que aparecem falas das jornalistas nesse sentido, como: *“Eu acho que nessa parte aí, de responsabilidade pela epidemia, a culpa não é só do poder público, né? Pelo menos aqui na nossa cidade eu vejo que nas notícias que a gente já deu a maioria dos focos estão nas residências”*.

Entende-se, a partir do discurso do sujeito coletivo, que a culpabilização da sociedade, presente no imaginário das jornalistas e expresso em seu discurso, reflete o cenário com o qual se deparam quando vão cobrir matérias na comunidade e constatam focos dos mosquitos nas residências; dessa forma, torna-se mais difícil a desconstrução dessa opinião que é transmitida através das notícias. Esse imaginário, porém, é reforçado pela própria mídia, o ambiente dos jornalistas, quando mostra as doenças de forma isolada, sem considerar os determinantes sociais, que se ligam diretamente com o dever do Estado de garantir condições dignas de saneamento básico, coleta de lixo, pavimentação das ruas, ações de educação em saúde com a comunidade, entre outros aspectos (LANGBECKER et al., 2019). Essa abordagem dos fatos pode mudar o foco da percepção da população quanto à origem do problema, bem como legitimar a falta de responsabilização dos governantes.

É preciso assumir posturas menos simplistas no enfrentamento das epidemias transmitidas pelo *Aedes aegypti* e reconhecer o esgotamento e o custo elevado de um formato de combate que se limita à eliminação de criadouros com limpeza de vasos de plantas. A imprensa deve contribuir para a compreensão de que a proliferação desse vetor perpassa o prisma da urbanização desenfreada, da

ausência de política urbana, da especulação imobiliária, do investimento ínfimo em saneamento básico. Os princípios da promoção da saúde, que fazem parte do arcabouço do SUS, devem permear as políticas públicas de enfrentamento das arboviroses (FREITAS, 2020). Porém, se até na comunicação feita pelo próprio Ministério da Saúde, nos temas de promoção da saúde, o enfoque está na prevenção (VASCONCELOS; OLIVEIRA-COSTA; MENDONÇA, 2016), torna-se complexo cobrar isso de uma jornalista que sequer tem alguma formação específica em saúde. É interessante notar que, apesar de uma das entrevistadas afirmar que as capacitações nos temas da saúde não são necessárias pelo fato de jornalistas conhecerem técnicas de entrevista para garantir a informação correta apenas pela fala de especialistas, as outras entrevistadas se mostraram abertas à capacitação na área da saúde e consideraram importante esse tipo de iniciativa para a garantia da ética, da autonomia e da veracidade dos dados, que então informem corretamente a população sobre os temas de saúde.

Os DSC 6 e 7 demonstram que as jornalistas do *JTO* não tiveram contato com cursos de capacitação, mas se pautam em informações de fontes oficiais, confiando em que tais fontes, como o Ministério da Saúde e as secretarias de saúde, forneçam dados confiáveis que possam ser inseridos nas matérias. Uma alternativa utilizada para garantir a veracidade das informações é dar voz a especialistas da área da saúde através de entrevistas nas matérias. Pela fala nos discursos, pode-se perceber a preocupação com informações confiáveis por parte das jornalistas, que garantem não informar nada de acordo com suas próprias opiniões. As principais fontes do jornalismo de saúde são especialistas, papers, releases, empresas, ONGs e outros grupos de interesse no tema, bem como congressos ou reuniões científicas, material jornalístico, buscadores on-line, usuários e seus familiares e até celebridades. A opção por determinadas fontes depende do enfoque que se queira dar ao texto, mas, em geral, trazer especialistas no tema garante autoridade à informação, com conteúdos de quem tem conhecimento reconhecido sobre o tema e, como líder de opinião, pode influenciar os demais consumidores daquela informação. Basear-se apenas em uma fonte científica pode levar também a erros, já que a ciência não é imune a refutação – e os profissionais da saúde são apenas uma ponta da história. Trazer a experiência de cidadãos traz vida por trás dos números e proporciona um novo sentido sobre a mídia para quem ganha voz, seja como representante de algum grupo, para chamar a atenção sobre os desafios e potencialidades de uma experiência, para ajudar quem sofre ou trazer-lhe alguma esperança (VASCONCELOS; OLIVEIRA-COSTA; MENDONÇA, 2016).

É importante que os órgãos governamentais estimulem o conhecimento dos jornalistas sobre o campo da saúde, o que incentiva a adoção de hábitos saudáveis na imprensa (FERRAZ; GOMES, 2012, p. 63-74). Os profissionais que lidam com comunicação em saúde na mídia impressa necessitam de capacitações que lhes permitam maior aproximação da linguagem técnica à popular nas notícias.

Por essa via, as pessoas conseguirão questionar seus hábitos no cotidiano quando se depararem com informações das quais consigam extrair a importância, e, assim, as mudanças de hábito individuais poderão ter um efeito multiplicador, conduzindo a uma interação mais ampla, levando a mudanças coletivas (FERRAZ; GOMES, 2012, p. 63-74; VILLELA; ALMEIDA, 2012).

Faz-se necessário fornecer condições adequadas para que os jornalistas priorizem o que é

essencial divulgar, sustentando ações de saúde pública e causando uma mudança social positiva em cada reportagem publicada cotidianamente, sem deixar que questões meramente políticas se sobreponham a questões prioritárias para a qualidade de vida das pessoas. Silva (2014) também aponta a importância de os envolvidos com a saúde pública entenderem como determinados fatos viram notícia, para que suas atividades ecoem pelas redações dos meios de comunicação e estas não sejam tratadas como inimigas.

Essas representações sociais observadas por meio do DSC permitiram compreender a realidade da produção de notícias de saúde no *Jornal do Tocantins*, que apresenta, de fato, certa uniformidade de ação no cotidiano jornalístico em períodos de crise sanitária nacional e guia os comportamentos e as práticas das trabalhadoras naquele contexto social. As decisões são justificadas por elas de maneira muito similar, o que possibilita a construção do DSC, que, como metodologia, não se ocupa das falas individuais, mas dos consensos construídos a partir do que é comum em cada uma das ideias centrais apreendidas pelas pesquisadoras durante a análise dos dados.

4 Considerações finais

As representações sociais sobre arboviroses, principalmente sobre zika, desenvolvidas em uma determinada comunidade comunicadora estão intimamente ligadas com o modo como a mídia dissemina suas notícias sobre saúde pública, o que pode gerar uma opinião que, em algum momento, é unânime no meio jornalístico. A partir do discurso do sujeito coletivo, confirmou-se que as pautas que geram valor-notícia estão presentes na agenda cotidiana do jornal regional a respeito de saúde pública, tais como prevenção, número de casos e diferença entre as doenças causadas pelo *Aedes aegypti*, contemplam aquilo que as jornalistas priorizam na sua apuração cotidiana.

Entende-se que o protagonismo dado no jornalismo à prevenção está ligado ao fato de esta ser a estratégia que gera maior resultado no combate à proliferação do mosquito, porém as ações de saúde não se resumem a ela. Nesse sentido, os conhecimentos advindos da saúde coletiva têm muito a acrescentar ao dia a dia de trabalho dos comunicadores, através de conceitos e métodos que não tratam o problema de modo simplista, mas auxiliam os leitores do jornal a agir política e conscientemente em relação ao desafio posto pela zika e pelas demais arboviroses.

Outra reflexão importante que emerge deste estudo diz respeito à proximidade dos jornalistas com seus leitores e, contraditoriamente, ao mesmo tempo, a responsabilização desses leitores pelas epidemias. O discurso, pautado na responsabilização da comunidade sem levar em consideração determinantes sociais, questões de saneamento básico e deveres do Estado com as cidades, pode ocasionar o efeito contrário, gerando um distanciamento ou a não identificação da comunidade com as informações que serão produzidas sobre o tema.

Dessa forma, evidencia-se a importância de capacitar os profissionais da comunicação nos temas da saúde; garantir melhores condições de trabalho aos jornalistas para chegarem à notícia, tendo

em vista a rotina intensa e o enxugamento das redações; e subsidiar o acesso a informações específicas sobre saúde e o conhecimento sobre esses temas, para uma melhor interpretação e tradução dos dados no texto jornalístico. Oferecer formação aos jornalistas é uma ação prioritária para as instituições de saúde coletiva, a fim de contribuir na garantia da qualidade da notícia, comunicar saúde de forma que os interlocutores na imprensa também sejam atendidos em suas necessidades no cotidiano jornalístico e fazer com que o jornal cumpra o seu papel de prestação de serviço à comunidade.

A pesquisa não teve um propósito de apenas avaliar a imprensa com as regras da academia sanitária, mas, com a escuta das jornalistas, a partir de sua vivência durante um momento de crise na saúde pública, oferecer subsídios para pensar as práticas de jornalismo em saúde no Brasil, em uma região fora do eixo Rio-São Paulo, dando holofote a um veículo que tem potencial de construção de sentidos sobre a saúde na região Norte do país. A partir desta pesquisa, que descreveu as fragilidades e as potências do jornalismo em saúde no Norte do Brasil, por meio de representações sociais que não nos eram familiares e agora são, espera-se comparar o discurso do sujeito coletivo advindo das falas das jornalistas com as matérias publicadas no *Jornal do Tocantins* num estudo futuro. Os dados aqui apresentados não devem ser extrapolados para outros períodos ou grupos profissionais, mas podem ser base para outras pesquisas que enfoquem o jornalismo regional e epidemias e pandemias tal como a de covid-19, que reforçou ainda mais a necessidade de uma comunicação em saúde estratégica e eficiente, bem como de uma maior proximidade entre os espaços das notícias e os espaços de saúde, como garantia da credibilidade de ambas as instituições.

5 Referências

- AMARAL, V. A proximidade de uma imprensa regional à ideia de cidadania ativa. *In: CORREIA, J. C. (Org.) Ágora Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidade*. LabCom Books, 2012.
- ASSIS, C. Responsabilidade Social no Jornalismo. **Magrela: Comunicação e Jornalismo Sustentável**. 2014.
- BARROS, Filho C de. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.
- CAMPONEZ, C. Jornalismo Regional: Proximidades e Distanciações. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. *In: CORREIA, J. C. (Org.) Ágora Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidade*. Org. LabCom Books, 2012.
- CASTIEL, Luis David. Saúde, riscos e hiperprevenção. **Acta Paul. Enferm.** [Internet]. 2011; 24(4):34-35. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000400001&lng=en>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- CAVACA, A. G. et al. ‘Valor-saúde’: critérios epidemiológicos potenciais para a comunicação e saúde. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 26-42, jan./mar. 2018.
- CRUZ, M. A mídia e os formadores de opinião no processo democrático. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, 2011 (9).
- FERRAZ, L. M. R.; GOMES, I. M. A. M. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. **Rev. Bras. Epidemiol.** 2012; 15(1): 63-74.
- FERREIRA, G. B. Jornalismo interativo e vida cívica: pode o online tornar o jornalismo mais público? *In: CORREIA, J. C. (Org.) Ágora Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidade*. LabCom Books. 2012.
- FREITAS, P. D. S. S. et al. **Políticas Emergenciais em Saúde. Justiça, Saúde e Meio Ambiente**, p. 144. 2020.
- GILBERTONI, G.; FALCÃO, E. B. M. Os discursos coletivos sobre Deus em diferentes momentos da formação de biólogos. *In: LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. (Orgs.) O Discurso do Sujeito Coletivo: um Novo Enfoque em Pesquisa Qualitativa*. Caxias do Sul: EDUSC, 2005.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Trad. L. Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 420.
- KUCISKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, 4 (6): 181-186, 2000.

LANGBECKER, A.; CASTELLANOS, M. E. P.; NEVES, R. F.; CATALAN-MATAMOROS, D. A. cobertura jornalística sobre temas de interesse para a Saúde Coletiva brasileira: uma revisão de literatura. **Interface** (Botucatu). 2019.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. p. 256.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Princípios básicos e conceitos fundamentais do discurso do sujeito coletivo. In: LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. (Orgs.) **O Discurso do Sujeito Coletivo: um Novo Enfoque em Pesquisa Qualitativa**. Caxias do Sul: EDUSC, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto – Enfermagem**, 23(2), 502-507, 2014.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. Saúde Coletiva**. 17 (3): 621-626, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA-COSTA, M. S. et al. Promoção da saúde da mulher brasileira e a alimentação saudável: vozes e discursos evidenciados pela Folha de SP. **Ciênc. Saúde Coletiva** [online], v. 21, n. 6, p. 1957-1964, 2016.

PEREIRA, F. H. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. 2004.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom – Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1º sem. 2005. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/8637/6170>>. Acesso em: 4 mai. 2020.

SILVA, M. A. R. Além do Newsmaking: um olhar panorâmico para as pesquisas em jornalismo. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

TABAKMAN, R. **A Saúde na mídia: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos**. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

VALLE, D.; AGUIAR, R.; PIMENTA D. Lançando luz sobre a dengue. **Ciênc Cult**. 2015, jul.-set.; 67(3):4-5.

VALLE, D.; PIMENTA, D. N.; AGUIAR, R. Zika, dengue e chikungunya: desafios e questões. **Epidemiol. Serv. Saúde** [Internet]. 2016, jun.; 25 (2): 419-422.

VASCONCELOS, W.; OLIVEIRA-COSTA, M.; MENDONÇA, A. (2016). Promoção ou prevenção? Análise das estratégias de comunicação do Ministério da Saúde no Brasil de 2006 a 2013. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, 10(2).

VILLELA, E. F. M.; ALMEIDA, M. A. Mediações da informação em Saúde Pública: um estudo sobre a dengue. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 48-59, 2012.

VILLELA, E. F. M.; NATAL, D. Encefalite no litoral paulista: a emergência da epidemia e a reação da mídia impressa. **Saúde Soc.** 2009 dec.; 18(4): 756-7.

Quadro 4. Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo

Ideias Centrais	Discursos do Sujeito Coletivo
Comunicação em saúde como prestação de serviço	A comunicação é extremamente importante para a disseminação da informação e para que essa informação chegue até a população com mais facilidade. A gente presta um serviço para a população, então a população precisa saber o que está acontecendo, o jornal tem uma responsabilidade social de mostrar para essas pessoas como está a situação no estado, saber o que está acontecendo na cidade, mas sempre priorizando a questão mesmo de prestar um serviço, mostrar para a população o que deve ser feito, números, e quem procurar, a quem recorrer. Por isso as áreas da comunicação e da saúde têm que estar interligadas e conversar de uma forma amigável.
Proximidade com o leitor	Um jornal de grande circulação chega a muito mais pessoas, e as pessoas já conhecem, então estão antenadas às notícias daquele jornal. Como eu tenho uma certa relação com alguns leitores, eles acabam cobrando também esse tipo de matéria sobre arboviroses, às vezes tem gente que não tem acesso à Internet, não vê o que tem sido falado, então é bom a gente informar sobre isso. A gente sempre tem que levar a informação correta, né? E que seja relevante para o público.
Prevenção e diferenciação entre arboviroses	Um jornal de grande circulação tem um papel primordial para que a informação chegue com mais facilidade à população, principalmente para levar ao máximo de pessoas a questão da prevenção, de como elas devem cuidar de suas casas, como atuar em relação às arboviroses também, de alertar e dizer para a população o que ela deve fazer para evitar, se tem que ir no médico, se tem que ir no hospital, o que tem que fazer, né? Para que a população tenha isso com facilidade, a diferença entre as doenças causadas pelos arbovírus, diferença entre dengue, zika vírus, chikungunya etc. Então a relevância é justamente essa, de informar para a população o que está acontecendo e alertar que cada um precisa fazer sua parte, porque em alguns casos pode ser evitada a incidência dessa doença com cuidados básicos.
Número de casos	Com base nos dados do Tocantins, as doenças relacionadas ao <i>Aedes aegypti</i> deram uma aumentada boa nesse ano, o Tocantins teve um dos maiores índices da epidemia de zika vírus, dengue maior, claro, os casos confirmados de dengue no estado são bem mais expressivos, mas a zika aqui no Tocantins aumentou 15,38%, o número de casos confirmados só esse ano com relação ao mesmo período do ano passado. Na época do surto foi muito comentada a relação de zika com a microcefalia, então a gente fez muito material sobre isso aqui no estado e aqui no jornal, Palmas está com índices altíssimos, o Tocantins inteiro, né, de dengue, zika e chikungunya.

Responsabilização das pessoas

Eu acho que nessa parte aí, de responsabilidade pela epidemia, a culpa não é só do poder público, né? Pelo menos aqui na nossa cidade eu vejo que nas notícias que a gente já deu a maioria dos focos estão nas residências, também é um assunto que a gente acaba tentando pautar, como uma manchete que a gente deu, “O inimigo está dentro de casa”, que é para falar nesse risco. A gente tem que continuar alertando, por isso a importância de a gente continuar levando informação para a população, para que as pessoas entendam que precisam cuidar melhor dos seus lares e dos lares dos seus vizinhos e da sociedade como um todo, para que os casos comecem a cair, né? As campanhas são ferrenhas, em alguns casos são repetitivas, maçantes, que é justamente para alertar, mas aí a população também não faz sua parte, porque cada um espera pelo outro, e é descarte de lixo, enfim, eu acho que todo mundo tem parcela de culpa nisso.

Credibilidade das fontes oficiais

No *Jornal do Tocantins*, quando a gente vai falar sobre epidemia, a gente sempre se ancora em fontes como o órgão público responsável, no caso a Secretaria Estadual de Saúde. O próprio Ministério da Saúde, a gente se ancora neles e nas pessoas especialistas, a gente também dá voz a elas, porque, querendo ou não, por vezes o estado omite, então a gente busca a pessoa especialista, pessoas que estão sempre dentro do sistema de saúde, pessoas que lidam com aquilo diariamente, com casos de dengue, zika todos os dias e podem dizer melhor para a gente, né, não um jornalista indo pesquisar na Internet, por exemplo. É importante a presença de um especialista, um infectologista, um médico clínico geral, um clínico da comunidade, não só o jornalista, enfim, não só ficar no “eu acho”, “eu penso”, falando por si só, entende?

Ausência e necessidade de capacitação

Eu acho que um jornalismo voltado para a saúde, a gente tem que buscar o conhecimento, não esperar cair de bandeja, não que eu tenha feito, porque eu não fiz nenhum curso específico para isso, mas a gente acaba ligando a experiência geral para tentar escrever nessa área, a gente ainda usa termos muito genéricos, ainda trata de um modo muito genérico da doença e ainda fazendo uso do que o ministério diz ou do que a própria secretaria de saúde estadual passa, porque a gente ainda não sabe muito bem, até por questões éticas, porque a gente precisa alertar, mas é muito diferente de fazer um espetáculo midiático e deixar a sociedade assustada, né? Eu penso que seriam necessárias capacitações mais aprofundadas, capacitações de dois a três dias por exemplo, capacitações que sejam até realizadas pelos próprios órgãos públicos relacionados à saúde, ou com parcerias com meios privados, com empresas de comunicação, para que a gente possa ter uma visão bem ampla, para que a gente possa entender melhor, para que tenha pessoas específicas, pessoas especializadas, pessoas que trabalham com aquilo, a quem a gente possa perguntar e tirar dúvidas e que possam dizer para a gente o que está errado, e jornalistas experientes, jornalistas que tenham até especializações em saúde pública, jornalismo e saúde pública.
